

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Yasmin Possani Fernandes

Pedagogia Hospitalar e Alfabetização: materiais (in)formativos sobre o trabalho pedagógico com crianças com câncer

Juiz de Fora
2025

Yasmin Possani Fernandes

Pedagogia Hospitalar e Alfabetização: materiais (in)formativos sobre o trabalho pedagógico com crianças com câncer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação do Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha.

Juiz de Fora, 10 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora
Orientador

Profa. Dra. Geruza Cristina Meirelles Volpe
Universidade Federal de Juiz de Fora
Avaliadora Interna

Profa. Dra. Ana Raquel Costa Dias
Universidade de Brasília
Avaliadora Externa

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Freire, 2000, p. 67).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a falange espiritual que me guarda e me guia por me dar força, paciência e sabedoria nos momentos difíceis.

À minha família, minha base e meu alicerce, pelo amor incondicional e pelo suporte imensurável ao longo de toda minha trajetória. Em especial, agradeço minha mãe, Adriana Possani, meu pai, Sérgio Luiz Fernandes, minha tia, Solange Possani, e minha prima, Luana Possani Machado, que acreditaram em mim até mesmo quando eu não conseguia acreditar e que me ensinaram o valor da dedicação, do esforço e da honestidade. Sem vocês ao meu lado, este momento não seria possível.

Agradeço ao meu padrinho, Jorge Luiz (in memoriam) que, apesar de não estar materialmente presente, permanece vivo em minha memória e no meu coração. Suas lições, exemplos e todo carinho foram fundamentais para compor a pessoa que sou hoje. Sei que ele estaria muito orgulhoso desta conquista.

Às minhas amigas que tornaram essa trajetória mais leve e prazerosa. Obrigada por todo apoio, pelas horas de conversa, pelas risadas e, principalmente, pela parceria. A amizade de vocês foi essencial para que eu me mantivesse motivada e confiante ao longo deste processo. Obrigada por serem minha família nessa cidade.

À Maria Eduarda Ponchio, que esteve ao meu lado em cada fase deste percurso, compartilhando comigo os momentos de alegria, de incertezas e de grandes desafios. Sua presença foi fundamental para que eu conseguisse seguir em frente, mesmo quando tudo parecia difícil. Obrigada por estar ao meu lado, por me encorajar e por ser minha companheira nesta caminhada.

Aos meus professores, pelo cuidado e pela paciência com os alunos durante a graduação. Em especial, ao meu orientador Juliano Guerra Rocha, que me orientou com sabedoria, auxiliando profundamente para o progresso deste trabalho. Suas observações e seus ensinamentos foram essenciais para que eu pudesse crescer como estudante e como pessoa.

Agradeço aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha formação e para a realização deste trabalho. Esse trabalho não é somente a conclusão de um ciclo, mas também o começo de uma trajetória carregada de desafios e oportunidades. Trago comigo o reconhecimento e agradecimento por todos que fizeram parte da minha caminhada e a convicção de que toda dedicação valeu a pena.

Meus sinceros, obrigada!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estimativa de incidência do câncer infantojuvenil em 2023	14
Figura 2. Interfaces de atuação da pedagoga hospitalar	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Materiais (in)formativos sobre Pedagogia Hospitalar	27
Quadro 2. Materiais (in)formativos sobre o processo de alfabetização de crianças com câncer hospitalizadas	32

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Estimativas para os anos de 2023-2025 de casos novos de câncer por região 14

RESUMO

A área educacional dedicada à preservação do direito à educação para crianças com câncer, que estão impossibilitadas de frequentar a escola devido à hospitalização, é chamada de Pedagogia Hospitalar. Muitas vezes, essas crianças são afastadas de ambientes de convívio devido às exigências do tratamento, que visa preservar sua saúde física já debilitada. Embora o cuidado com a saúde física seja fundamental, é igualmente importante estar atento aos aspectos emocionais, sociais e educacionais. Dessa forma, o processo de alfabetização é um dos maiores desafios para os pedagogos que atuam nos hospitais, pois requer um conjunto de estratégias e adaptações para que o ensino da leitura e da escrita aconteça de forma eficaz. Assim, a pesquisa buscou responder à seguinte questão: como ocorre o processo de alfabetização de crianças com câncer durante o período de internação hospitalar? O objetivo foi investigar como esse processo ocorre, realizando uma curadoria de materiais (in)formativos disponibilizados em diferentes formatos, com o intuito de disseminar conhecimentos sobre a temática a partir de fontes confiáveis. Para embasar a pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando subsídios teóricos e legais para a compreensão do tema investigado. Em seguida, foi feita uma curadoria de materiais (in)formativos sobre a Pedagogia Hospitalar e a alfabetização de crianças com câncer encontrados em uma busca na internet e selecionados após análise, para apoiar o trabalho de profissionais da área pedagógica ou de pessoas interessadas no tema. Os dados coletados foram organizados em quadros, contendo gênero, título, autoria e link de acesso. Como resultado, percebe-se a necessidade de mais produções em diversos gêneros para popularizar a temática e a importância de priorizar o debate sobre Pedagogia Hospitalar na formação inicial de professores/as.

Palavras-chave: Alfabetização; Crianças com câncer; Materiais (in)formativos; Pedagogia Hospitalar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E LEGAIS SOBRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ÀS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO	14
1.1 A criança com câncer e suas vivências	14
1.2 Afastamento do ambiente educacional: um olhar para a legislação	21
2. MATERIAIS (IN)FORMATIVOS SOBRE PEDAGOGIA HOSPITALAR E SUAS INTERFACES COM O CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO	26
2.1 Orientações para atuação da pedagoga no contexto hospitalar	26
2.2 A alfabetização dentro do contexto hospitalar	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO¹

Esta pesquisa se iniciou através de interesse pessoal, que surgiu ainda na minha adolescência, em relação à educação de crianças com câncer. Apesar da curiosidade, não pude sanar muitas dúvidas quando adolescente, pois a cidade em que residia não possuía hospitais oncológicos. Ingressei na universidade em 2021, em meio à pandemia do Covid-19, e por isso assisti, por um ano, as aulas remotamente. Em 2022, terceiro período da faculdade e primeiro período pós pandemia, cursei a disciplina “Fundamentos teórico-metodológicos em Alfabetização I” e desenvolvi grande interesse na área da alfabetização e suas particularidades. Com o passar dos anos, precisei escolher um tema de pesquisa para fazer o Trabalho de Conclusão de Curso. Naquele momento, sabia que queria algo relacionado ao processo de alfabetização e então, em diálogo com meu orientador, decidimos pesquisar sobre a Pedagogia Hospitalar, alfabetização em hospitais e o papel da pedagoga em ambientes não convencionais, partindo da seguinte problematização: como ocorre o processo de alfabetização de crianças com câncer durante o período de internação hospitalar?

Ressalto que a palavra “pedagoga” será utilizada no feminino em razão de ser uma profissão majoritariamente ocupada por mulheres. Essa escolha linguística reflete a realidade do campo da educação, no qual as mulheres representam a maior parte dos profissionais, reconhecendo e valorizando o contexto histórico e político da profissão.

Para contextualizar o estudo, é preciso destacar que a educação é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Apesar disso, na prática, sabe-se que essa garantia é falha, especialmente quando se trata de educação fora dos espaços escolares, como é o caso da Pedagogia Hospitalar. A escola é um ambiente de desenvolvimento cognitivo, emocional e social e o afastamento inesperado desse ambiente gera um desconforto na vida das crianças, pois além de lidar com as demandas escolares, devem também lidar com os desafios impostos por seu estado de saúde.

A Pedagogia Hospitalar é uma área educacional destinada à garantia e promoção da educação para alunos que não podem ir à escola devido a hospitalização. A pedagoga realiza uma função de suma importância dentro desses ambientes, uma vez que o processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com enfermidades não pode parar.

¹ Em alguns momentos desta introdução, optou-se pelo uso da primeira pessoa do singular, pois há relatos pessoais e aspectos de uma experiência formativa que justificam a organização do trabalho.

Para além de garantir a ininterruptão do trabalho escolar, a Pedagogia Hospitalar ocupa uma responsabilidade indispensável em relação ao apoio emocional às crianças, visto que a internação nos hospitais pode provocar diferentes sentimentos. Dessa forma, o professor, além de compartilhar conhecimentos acadêmicos, também auxilia no desenvolvimento emocional do estudante, por meio do suporte e da acessibilidade aos conteúdos de acordo com as condições físicas de cada criança.

Pela grandeza do campo da Pedagogia Hospitalar, o presente trabalho faz um recorte sobre o processo de alfabetização de crianças internadas em tratamento oncológico. A fase da alfabetização é de suma importância para o desenvolvimento social das crianças, especialmente de crianças internadas, e, por isso, é essencial assegurar que este processo aconteça de forma ativa e com o intuito de amenizar as consequências da doença no processo educacional. Sendo assim, a responsabilidade do professor é fazer com que as defasagens em relação à aprendizagem sejam minimizadas.

O Estado de Minas Gerais é destacado nesta pesquisa por sua relevância no contexto estudado e pelo fato de ser onde está situada Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição de ensino em que realizo minha formação. Ao delimitar Minas Gerais como espaço de investigação, busca-se contextualizar os resultados dentro de suas especificidades regionais, contribuindo para a construção de uma análise fundamentada.

Durante o tratamento de câncer, as crianças são expostas a procedimentos que demandam, em excesso, do seu corpo físico. Desse modo, a escolarização no contexto hospitalar, principalmente o processo de alfabetização, requer sensibilidade, empatia e ternura, assegurando a aprendizagem de modo significativo e respeitoso. O papel da pedagoga hospitalar ultrapassa a prática do ensino tradicional, é preciso reforçar a necessidade do acesso à educação de qualidade. Por último, é primordial que os profissionais da educação mantenham uma relação direta com os médicos, com a família e com a escola, para que todos caminhem juntos com o mesmo objetivo: auxiliar no desenvolvimento da criança internada.

Para embasar esta pesquisa, a metodologia se baseou numa pesquisa bibliográfica, realizando uma curadoria de materiais a partir de diferentes fontes divulgadas na internet, entre elas: artigos, trabalhos acadêmicos, *videocast*, sites, livros etc. Além disso, os autores Ferreira e Pessoa (2023), Santana, Rabelo e Correia (2013), Fontana e Barbosa (2009), Rolim e Góes (2009) e Matos e Mugiatti (2018) foram utilizados como principais fontes para fundamentar as argumentações apresentadas. O objetivo foi investigar como ocorre o processo de alfabetização de crianças com câncer durante o período de internação hospitalar,

realizando uma busca por diferentes materiais (in)formativos disponibilizados em diversos suportes com o intuito de disseminar os conhecimentos sobre a temática a partir de fontes confiáveis.

Os materiais selecionados foram intitulados como “(in)formativos”, com o uso do parêntese na palavra para indicar que, além de serem informativos, também assumem uma dimensão formativa, especialmente para pedagogos que buscam obter informações básicas e se aprofundar nas interfaces da Pedagogia Hospitalar e da alfabetização.

Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho está organizado em duas seções. Na primeira, buscamos analisar os aportes teóricos e legais acerca do atendimento educacional às crianças com câncer e que estão impossibilitadas de frequentar o ambiente escolar. Para isso, consideramos a criança e todas as suas fragilidades, que acontecem em decorrência do câncer, e como a legislação ampara as famílias que vivem essa realidade.

Na segunda seção, dissertamos acerca da Pedagogia Hospitalar como área de atuação profissional e suas relações com o campo da alfabetização. Chamamos a atenção para a defasagem em relação à formação inicial de professores e da necessidade de dar visibilidade para o assunto, a fim de aumentar o número de profissionais capacitados para trabalhar no ramo. A escassez de material bibliográfico sobre a temática em questão também evidencia a necessidade de aprofundamento e investigação no assunto. A limitada quantidade de estudos disponíveis dificulta uma compreensão ampla e detalhada, tornando fundamental o desenvolvimento de novas pesquisas que contribuam para ampliar o conhecimento na área. Nesse sentido, este estudo busca preencher essa lacuna, oferecendo novas perspectivas e informações que possam subsidiar futuras investigações e fortalecer o debate acadêmico sobre o tema. Destarte, analisamos como pode ocorrer o processo de alfabetização no contexto hospitalar, destacando suas necessidades, dificuldades e importância. Os subitens nessa seção são acompanhados de uma tabela com materiais (in)formativos para enfatizar e fundamentar as discussões produzidas ao decorrer da pesquisa.

Nas considerações finais, apresentamos nossas conclusões e reflexões sobre os resultados da pesquisa, destacando as lacunas e aspectos relevantes. A realização desta pesquisa possibilitou uma compreensão mais aprofundada sobre o trabalho da pedagoga hospitalar no contexto da alfabetização, das metodologias utilizadas e dos desafios diários enfrentados por todos os envolvidos. Trabalhar com a educação em um ambiente hospitalar exige sensibilidade e atenção redobrada para questões que vão além do aspecto pedagógico. Por isso, é essencial adotar práticas que se conectem com as realidades dos sujeitos, proporcionando um aprendizado significativo. Esse cuidado se torna ainda mais crucial

durante o processo de alfabetização, uma fase da escolarização que exige uma atenção especial, especialmente durante a internação.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E LEGAIS SOBRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ÀS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

Esta seção descreve as vivências de crianças hospitalizadas em tratamento oncológico, que, devido às suas condições de saúde, ficam ausentes do ambiente escolar. São exploradas as consequências da doença e do tratamento na rotina dessas crianças, destacando os riscos enfrentados nos âmbitos físico, emocional e social, com foco nas dificuldades que podem surgir em relação ao desenvolvimento educacional. Além disso, aborda a importância da atuação dos profissionais de saúde e da família para garantir o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança durante seu período de internação.

Sob esse prisma, a pesquisa segue acerca da legislação para compreender, na prática, como esse direito à educação e à continuidade da aprendizagem são garantidos nos casos de hospitalização. Por fim, evidencia-se a necessidade da pedagoga e do atendimento pedagógico especializado nesse contexto, destacando a relevância da prática pedagógica no ambiente hospitalar para o cenário educacional.

1.1 A criança com câncer e suas vivências

As crianças que passam pelo tratamento oncológico enfrentam inúmeras adversidades nas diferentes áreas da saúde física, emocional e social, durante e posteriormente aos procedimentos a que são submetidas. Para ter uma melhor compreensão acerca da temática, é preciso entender o contexto do câncer pediátrico no Brasil.

Na atualidade, o câncer que afeta crianças e adolescentes corresponde a cerca de 3% dos casos de câncer, em contraste com o acomete os adultos. Todavia, assim como em países desenvolvidos, no Brasil, o câncer é, predominantemente, a causa de morte por doença entre pessoas de 1 a 19 anos (Instituto Nacional de Câncer, 2023)². Isso acontece por que, por mais que a doença seja curável, com o diagnóstico tardio – tendo em vista que sinais e sintomas se assemelham a doenças comuns em criança – ainda há, também, uma porcentagem de mortalidade infantil.

As estimativas apresentadas pelo Instituto Nacional de Câncer são de caráter trienal, ou seja, duram três anos. O número de casos novos de câncer infantojuvenil estimado para o Brasil, para cada ano do triênio de 2023 a 2025, é de 7.930 casos e, entre eles, estimam-se

² Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/infantojuvenil>>. Acesso em: 12 de janeiro 2025.

4.230 casos novos no sexo masculino e de 3.700 no sexo feminino. A região Sudeste apresenta a maior incidência de casos em ambos os sexos, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1. Estimativas para os anos de 2023-2025 de casos novos de câncer por região

REGIÕES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
CENTRO-OESTE	360	300	660
NORDESTE	1.190	940	2.130
NORTE	370	280	650
SUDESTE	1.700	1.610	3.310
SUL	610	570	1.180
BRASIL	4.230	3.700	7.930

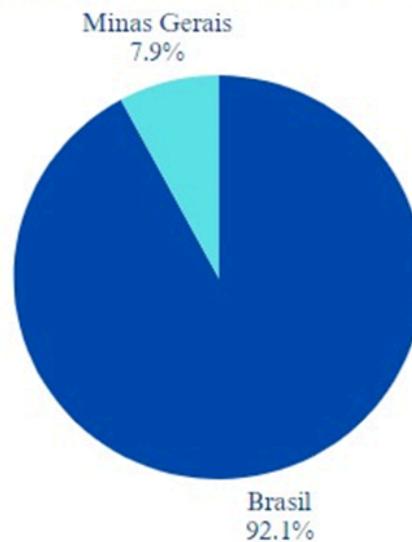
Fonte: Instituto Nacional de Câncer, 2022.³

Após analisar a tabela, percebe-se que o número de casos na região Sudeste é significativamente superior às demais regiões. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (2022), o estado de Minas Gerais, por exemplo, apresenta o segundo maior número de estimativas de casos de câncer infantojuvenil para 2023, ficando atrás apenas do estado de São Paulo. Os dados projetados para Minas Gerais estimam que sejam diagnosticados, por ano, 780 novos casos de câncer infantil (entre 0 a 19 anos de idade), sendo 360 em indivíduos do sexo masculino e 420 no sexo feminino.

³

Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros/estimativa/estado-capital/brasil>. Acesso em: 12 de janeiro 2025.

Figura 1. Estimativa de incidência do câncer infantojuvenil em 2023



Fonte: Instituto Nacional de Câncer, 2022.

O câncer infantojuvenil representa um desafio significativo para a saúde pública no Brasil. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (2022), estima-se que, em 2023, 7,9% dos casos de câncer infantojuvenil ocorrerão em Minas Gerais, enquanto os demais 92,1% serão distribuídos pelo restante do país (Figura 1). Esses dados reforçam a necessidade de compreender as principais estratégias de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento, que serão discutidas ao longo deste trabalho, com base em legislações específicas e em estudos recentes da área oncológica.

Ainda que não haja um padrão de tratamento devido às variações da doença, as crianças frequentemente passam por intervenções médicas, têm reações às medicações, são afastadas dos programas de lazer, enfrentam modificações na alimentação, mudanças na autopercepção, internações, além do desconforto físico e emocional que impacta diretamente em sua socialização.

O tratamento do câncer infantil é cuidadosamente adaptado às especificidades de cada tipo de tumor e ao estado de saúde da criança. O uso de tratamentos mais intensivos possibilita aos médicos uma melhor chance de combater a doença, mas também pode ocasionar nos pacientes mais efeitos colaterais a curto e longo prazo. O educando, ao iniciar o tratamento, passa a lidar com sessões de quimioterapia e/ou radioterapia e/ou transplante e, com isso, sofre com consequências significativas, como por exemplo: fadiga extrema, náuseas, perda de cabelo, dor e fraqueza (Rodriguez *et al.*, 2012).

Segundo informações contidas no site da Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia (Abrale)⁴, a quimioterapia é um dos principais tratamentos utilizados no combate ao câncer. Esse processo acontece a partir da mistura de diferentes medicamentos com o sangue, com o objetivo de destruir, controlar ou inibir o crescimento das células cancerígenas. Existem diversas abordagens no uso da quimioterapia durante o tratamento do câncer. Para determinar a melhor forma de utilizá-la, é necessário analisar fatores como o tipo de câncer, sua localização e o medicamento empregado no tratamento.

Na maioria dos casos, a quimioterapia é aplicada pela boca ou por uma veia do paciente (quimioterapia sistêmica), para que os medicamentos circulem por todo o corpo. Os efeitos colaterais podem ocorrer durante o tratamento ou posteriormente, mas ainda assim, podem ser tratados e controlados. Alguns pacientes recebem o tratamento de quimioterapia para diminuir o tumor antes da radioterapia.

O tratamento oncológico realizado através da radioterapia é, também, uma das opções utilizadas nos hospitais brasileiros. Essa terapia é uma técnica rigorosa, que usa radiação ionizante através de aparelhos ou radioisótopos⁵ naturais, feita em regime ambulatorial, ou seja, o paciente frequenta o hospital periodicamente para receber o tratamento, com uma dose total fracionada em aplicações diárias de até dois meses (Magalhães *et al.*, 2022). Ela é utilizada como tratamento curativo quando o câncer está permanente em seu local de origem e com difícil acesso por estar rodeado por estruturas vitais, podendo comprometer suas funções fisiológicas (Magalhães *et al.*, 2022).

Ainda assim, é um método de complexa aplicação em crianças, pois o direcionamento incorreto da radiação pode atingir os tecidos normais, o que traz sérios riscos à saúde, precisando assim, da criança totalmente imóvel durante a exposição à radiação. Tal procedimento pode utilizar acessórios para manter a criança sem se mexer, o que aumenta ainda mais a sua ansiedade, incômodo e agitação. Uma medida que acaba sendo utilizada é a anestesia geral ou sedação consciente para a radioterapia; cerca de 40% a 50% dos pacientes

⁴ A Abrale (Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia) é uma organização sem fins lucrativos, de abrangência nacional, criada em 2002, por pacientes e familiares com a missão de oferecer ajuda e mobilizar parceiros para que todas as pessoas com câncer e doenças do sangue tenham acesso ao melhor tratamento. Disponível em: <<https://abrle.org.br/>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2025.

⁵ “Radioisótopos são elementos químicos cuja configuração atômica é instável, de modo que estão sujeitos à ocorrência um rearranjo das partículas atômicas, durante o qual ocorre a emissão de radiação”. Disponível em:

<

pediátricos necessitam de procedimentos anestésicos para a exposição à radiação (Magalhães *et al.*, 2022).

Segundo a Abrale, o transplante de medula óssea é um procedimento realizado para substituir a medula óssea do paciente quando esta não funciona adequadamente devido a alguma doença. Em alguns casos, o transplante é indicado logo no início do tratamento; em outros, só é realizado se as demais opções terapêuticas não apresentarem resultados satisfatórios.

Ao analisar as consequências do tratamento oncológico no desenvolvimento infantil, é notório o desconforto físico vivenciado pelas crianças. O atraso no desenvolvimento motor, em sua maioria, está relacionado ao tratamento com a quimioterapia, uma vez que ele pode reduzir a densidade mineral óssea e gerar atrofia muscular, o que afeta a musculatura, a coordenação motora e o equilíbrio. As crianças com câncer podem apresentar uma estrutura biológica comprometida, afetando negativamente o desenvolvimento de habilidades motoras e o desempenho físico (Lemos *et al.*, 2013). Este fato acontece, também, devido ao tempo de permanência nos hospitais durante os tratamentos, pois, assim, as atividades como brincar, explorar e desenvolver novas habilidades são limitadas. Algumas medidas de humanização são adotadas por hospitais para auxiliar no decorrer do tratamento. Um exemplo disso são as intervenções lúdicas ao longo do dia da criança no estabelecimento, que auxiliam no desenvolvimento infantil, incluindo os aspectos motores.

A mobilidade das crianças fica comprometida e, por isso, afeta também sua qualidade de vida. As interações sociais na prática de algum esporte, em aulas de educação física ou até mesmo em brincadeiras dinâmicas com outros de idade semelhante passam a ser atividades que demandam mais esforço físico, visto que o tratamento requer repouso, uma dieta mais específica, além dos medicamentos fortes que comprometem o ânimo e a força dos pacientes. Contudo, pode-se tomar como exemplo um cenário oposto marcado pelo gênero, pois apesar dos intensos procedimentos realizados, ainda há a distinção de gênero em relação aos estímulos a atividades físicas ao longo do tratamento. Em uma pesquisa feita por Caroline Evelyn Sommerfeld (2007), observou-se que meninos com câncer apresentam melhor desempenho em relação à motricidade que meninas. Ela acredita que isso acontece devido ao incentivo que os homens recebem para praticar mais exercícios físicos que requerem maiores habilidades motoras amplas.

Devido às sequelas desse tratamento, a atenção oncológica pediátrica não é focada apenas na sobrevivência do paciente, mas sim, na qualidade de vida. Ao compreender o processo como uma situação complexa, inesperada e indesejável, entende-se que, ao ser

diagnosticada, a criança tem sua rotina remodelada e necessita acostumar-se com o fato de que os hábitos que anteriormente eram comuns em sua rotina, tornam-se impossíveis de serem mantidos devido às limitações que a doença e o tratamento impõem. O tratamento quimioterápico do câncer infantil causa sequelas psicológicas, como a diminuição do desempenho escolar e social da criança, ou seja, interferindo na qualidade de vida dos pacientes.

Em relação ao desenvolvimento cognitivo e neurológico dos pacientes, entende-se que, devido à falta de estímulos cognitivos em virtude da hospitalização prolongada e com os tratamentos específicos para o câncer infantil, há possibilidades de atraso em várias áreas do desenvolvimento. A criança, ao ser hospitalizada, manifesta o seu desenvolvimento de acordo com as possibilidades existentes, que são influenciadas por diversos fatores, incluindo as restrições impostas pelo diagnóstico clínico. Suas fragilidades biológicas acarretam seu afastamento da escola e, conseqüentemente, há um atraso nas atividades escolares fundamentais ao seu desenvolvimento cognitivo. Quanto ao impacto cognitivo associado ao tratamento do câncer infantil, é importante destacar que tanto a quimioterapia quanto a radioterapia, usadas de forma isolada ou combinada, são consideradas agentes potentes, e devido ao seu alto potencial agressivo, podem causar danos ao sistema nervoso. Estudos afirmam que:

[...] crianças tratadas de câncer apresentam maior incidência de problemas relacionados à escolaridade tanto durante quanto em longo prazo. A maioria das crianças tratadas por radioterapia apresenta baixo rendimento escolar, piora na concentração, menos energia, maior inibição, falta de coragem para descobrir coisas novas e sentem menos motivação no desempenho de atividades (Lopes; Camargo; Bianchi, 2000, p. 281).

Em virtude de suas características e das exigências de procedimentos prolongados e desconfortáveis, o surgimento do câncer afeta todos os aspectos da vida da criança, especialmente em sua esfera emocional, uma vez que ela precisa enfrentar uma nova realidade. A criança diagnosticada é obrigada a enfrentar as inquietantes incógnitas que a aguardam no futuro. É comum que, devido às reações emocionais, ocorra mudanças nas dinâmicas existenciais, familiares e nas crenças pessoais dos envolvidos. A maioria das crianças busca por significado durante o processo de adaptação à nova realidade e alguns dos sentimentos e comportamentos apresentados são despertados, como o medo da morte, a incerteza quanto ao destino e, frequentemente, sensações de negação, raiva e ansiedade.

A fase da infância é fundamental na trajetória de qualquer pessoa. Durante esse período, através das interações familiares e sociais, o indivíduo desenvolve sua percepção do

próprio corpo e do mundo ao redor, construindo assim, a base da sua personalidade que influenciará todas as suas experiências posteriores. Para Dávila (2006), a criança só se confronta verdadeiramente com a doença, quando começa a sentir os efeitos do tratamento, o que resulta em limitações em sua vida diária, impedindo-a de realizar as atividades que antes eram comuns.

A revelação do diagnóstico de câncer acarreta no medo da dor, do sofrimento e preenche a criança de incertezas. Cada criança lidará com o fato de maneira única, influenciada não apenas pelo estágio da doença, mas também pela personalidade e os mecanismos de acolhimento das pessoas que a acompanham. Em todas as situações, contudo, serão usados diversos mecanismos para lidar da melhor forma possível com a realidade tão desafiadora que é enfrentar o câncer.

A criança, quando doente, enfrenta dificuldade para entender o que está acontecendo consigo mesma, tanto no que diz respeito à doença em si quanto aos exames e tratamentos que precisa realizar.

Os tratamentos e as frequentes internações podem gerar um impacto psicológico significativo e prejudicial, chegando ao ponto de comprometer o desenvolvimento emocional da criança e cultivar uma postura negativa em relação aos serviços de saúde. Mesmo com todos os esforços para humanizar o ambiente hospitalar e o atendimento aos pacientes internados, é inevitável que a criança vivencie situações e sensações inerentes à hospitalização (Cardoso, 2007, p. 34).

Para além do âmbito emocional, observa-se, também, que as crianças com câncer lidam com uma quantidade significativa de impactos sociais em suas vidas em razão dos desafios diários da doença e do tratamento associado. Relacionando-se com a solidão explicitada acima, o educando, por muitas vezes, terá longas etapas de internação hospitalar e isolamento, o que pode transformar-se em uma redução das interações com seu círculo social.

Consequentemente, a criança diagnosticada perpassa por inúmeras fases além do tratamento, pois adoecer durante a infância impacta um estágio crucial do desenvolvimento humano. Isso pode levar à exclusão social da criança e dificultar sua interação com colegas que não estão enfrentando problemas de saúde, ou até mesmo com aqueles com quem mantinha contato antes do diagnóstico de câncer.

Em estudo promovido por Freitas *et al.* (2016), as autoras destacam que:

Os efeitos colaterais do tratamento deixam os pacientes fragilizados, deprimidos e inseguros, o que pode fazer com que se sintam incapazes e diferentes das demais pessoas que compõem seu grupo social. Nesse universo de não pertencimento, o tratamento interrompe a vida social e

escolar do indivíduo, trazendo prejuízos para o processo de socialização e aprendizagem (Freitas *et al.*, 2016, p. 176).

Em síntese, embora o desenvolvimento social de crianças com câncer possa ser afetado por diversos fatores, com o apoio adequado, muitas delas podem superar esses obstáculos e manter a construção de relacionamentos sociais significativos e saudáveis.

O atendimento educacional em ambientes hospitalares e/ou domiciliares desempenha um papel essencial ao manter o vínculo entre a criança em tratamento e a escola. Isso possibilita que ela continue a avançar em seu processo de aprendizagem, promovendo um desenvolvimento intelectual e emocional saudável, estimulando suas habilidades e preservando suas oportunidades de construir conhecimento e novas perspectivas de vida. Para tanto, é necessário analisar como a legislação brasileira garante esse direito, o que será abordado no próximo item.

1.2 Afastamento do ambiente educacional: um olhar para a legislação

Como visto anteriormente, o Instituto Nacional de Câncer (2023) explicita que o câncer é a segunda maior causa de hospitalização de crianças e adolescentes. Além de ser uma doença que ameaça a vida da criança, o tratamento é profundamente intenso, gerando efeitos físicos, psicológicos e sociais imediatos e/ou tardios, ou seja, afeta todos os aspectos da vida da criança.

A escolarização de crianças com câncer se apresenta de forma desafiadora. Crianças diagnosticadas frequentemente precisam ser afastadas da escola devido às exigências complexas e intensivas do tratamento, bem como às suas condições de saúde. Como elucidado, o câncer em si, juntamente com os tratamentos como quimioterapia e radioterapia, pode causar uma série de efeitos colaterais que afetam significativamente o bem-estar físico e mental das crianças. Rolim e Góes (2009, p. 515), ressaltam que “o afastamento da escola geralmente não se restringe a um período único e pode acontecer de forma recorrente pela necessidade de cuidados médicos ou de nova internação, no acompanhamento ou em casos de recidiva”.

No que tange à legislação, que prevê a oferta de atendimento educacional para estudantes hospitalizados ou em tratamento de saúde, a Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018, oriunda do Projeto de Lei da Câmara (PLC) 24/2018, aprovado pelo Senado (Brasil, 2018), acrescentou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) o artigo 4º-A:

é assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Em 2002, o Ministério da Educação publicou um guia com estratégias e orientações para a organização de classes hospitalares e para o atendimento pedagógico domiciliar e este documento foi editado a partir da aprovação da lei. Esses atendimentos devem estar vinculados aos sistemas educacionais dos estados e municípios, sendo considerados como unidades específicas de trabalho pedagógico. Cabe às Secretarias de Educação a responsabilidade pela contratação e capacitação dos professores, além da disponibilização dos recursos financeiros e materiais necessários (Brasil. Ministério da Educação, 2002).

As principais abordagens para garantir a continuidade da educação de crianças com câncer durante o tratamento são o atendimento pedagógico hospitalar ou domiciliar. No Brasil, a legislação assegura o direito ao ensino para crianças hospitalizadas ou com limitações de saúde que as impeçam de frequentar a escola. O acesso à educação é promovido por meio de iniciativas que buscam oferecer aulas com base em novas estratégias pedagógicas, além da colaboração contínua entre hospitais e escolas. Assim, essas crianças são atendidas por profissionais qualificados, que adaptam-se ao ritmo de aprendizagem e as capacidades do aluno, garantindo o direito à educação.

Para o Ministério da Educação, o regime hospitalar/classe hospitalar é entendido como “atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental” (Brasil, 2002). Em relação ao regime domiciliar, a definição encontrada é de “atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade” (Brasil, 2002).

Segundo Matos (2005), o atendimento educacional no âmbito hospitalar visa resgatar a socialização desses jovens e crianças por meio de um processo de inclusão, permitindo-lhes aprender continuamente, formando assim um processo educativo que proporciona aos educadores novos desafios e a possibilidade de construção de novos conhecimentos.

Em relação ao atendimento domiciliar, Fontana e Barbosa (2009, p. 2) afirmam:

O Atendimento Pedagógico Domiciliar aos estudantes impossibilitados de frequentar a escola, em cumprimento à legislação vigente [...], constitui-se

em uma ação inclusiva de grande relevância. Isso se deve, principalmente, por atender alunos que vivem processos permanentes de internação e reinternação em hospitais e em tratamentos prolongados de recuperação de saúde na própria casa, muitas vezes com prejuízos para seu desenvolvimento e aprendizagem.

Para compreendermos melhor os conceitos abordados até aqui, faz-se necessário explanarmos o contexto histórico. O atendimento educacional em hospitais acontece no Brasil desde a década de 1930, com escolas acopladas a hospitais para atender a população enferma. Em 1950, houve a criação da primeira classe hospitalar no Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro, e em 1953 foi inaugurada a Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo (Rolim; Góes, 2009). No que diz respeito às legislações específicas sobre o direito à educação de estudantes em tratamento de saúde, o Decreto-Lei 1044 de 21 de outubro de 1969 foi o primeiro a reconhecer esses alunos como dignos de uma “atenção educacional diferenciada” por parte da escola. Esta condição aparece pela primeira vez na legislação brasileira na premissa que rege o artigo 205º da Constituição Federal de 1988: a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família (Brasil, 1988). Nesse sentido, as crianças e adolescentes hospitalizados também têm direito de acesso à educação.

Na década de 1990, começaram a surgir leis específicas sobre a educação hospitalar, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, e a Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995, que aborda os Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados. Essas normas garantem o direito à educação para todas as crianças, além de especificar que elas têm direito à recreação e a programas de educação para a saúde.

Em 1994, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (SEESP/MEC) estabeleceu diretrizes para o atendimento de crianças impossibilitadas de frequentar a escola devido a problemas de saúde, fornecendo orientações para a organização de atividades pedagógicas em classe hospitalar e no ambiente domiciliar, além de fundamentar a atuação do professor (Brasil, 1994). Esse compromisso também foi contemplado nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001) e em um documento do SEESP/MEC, que estabelecia estratégias e orientações sobre a classe hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar (Brasil, 2002). O conceito de Classe Hospitalar surgiu pela primeira vez na Política Nacional de Educação Especial (PNEE) de 1994, que a categorizou como uma modalidade da Educação Especial, embora não identificasse o aluno em tratamento de saúde como o destinatário principal (Brasil, 1994). A

Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001, artigo 13º, orienta que os sistemas de ensino e de saúde devem buscar ação integrada, organizando o atendimento educacional especializado aos alunos hospitalizados por meio das classes hospitalares.

Dessa forma, promover e assegurar o acesso à educação de crianças enfermas é crucial para o crescimento emocional, social e educacional. Além dos benefícios estudantis, continuar seus estudos oferece uma sensação de acolhimento e estabilidade durante o tratamento médico. Conseqüentemente, oferecer a educação às crianças em processo de enfermidade serve como uma ferramenta para o desenvolvimento da criança, auxiliando em diferentes aspectos da vida enquanto promove uma rotina mais estável durante e após a fase de tratamento.

Feitas essas considerações, o presente trabalho terá como foco o atendimento pedagógico-educacional hospitalar, tendo em vista a escassez de materiais e bibliografias que debatem mais detidamente esta temática. Apesar de constituir-se como um direito assegurado pela legislação brasileira, conforme previsto na LDBEN e outros documentos governamentais enumerados anteriormente, nota-se que existe uma carência significativa em relação a pesquisas acadêmico-científicas que discorram sobre o conteúdo. Diante desse cenário, é imprescindível o estudo para aprimorar os conhecimentos e para compreender com maior clareza as particularidades do desenvolvimento dessas crianças em tratamento. Logo, a pedagogia hospitalar pode ser entendida como:

[...] aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde (Matos; Mugiatti, 2018, p. 79).

À vista disso, compreende-se que o objetivo da pedagogia hospitalar é proporcionar a essas crianças e adolescentes hospitalizados a continuidade da vida escolar, mesmo durante a internação, tornando o hospital um local mais agradável por meio de atividades lúdicas e didáticas que os ajudem a restabelecer a vida escolar.

Além de garantir a continuidade do aprendizado, a pedagogia hospitalar desempenha um papel essencial na vida social dos educandos. Os estudos de Wallon e Vigotski ressaltam que:

[...] a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja por meio dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Vimos que, mesmo hospitalizada, a criança continua interagindo com o meio, aprendendo e se desenvolvendo (Fontes; Vasconcellos, 2007, p. 300).

Seguindo esta lógica, o atendimento pedagógico hospitalar não se reduz apenas a transmitir os conteúdos escolares e abrange uma adaptação da prática pedagógica que esteja alinhada com as necessidades individuais das crianças. Assim sendo, este trabalho busca explorar informações sobre a pedagogia hospitalar em interface com o campo da alfabetização, os diferentes desafios enfrentados pelos profissionais da área e o amparo da legislação vigente, com o objetivo de colaborar para a reflexão da relevância dessa prática no cenário educacional.

A próxima seção aborda orientações para a atuação da pedagoga no contexto hospitalar. Esse tema é fundamental para entender como os profissionais capacitados na área educacional podem contribuir para promover e garantir a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças com câncer que se encontram afastadas da escola.

2. MATERIAIS (IN)FORMATIVOS SOBRE PEDAGOGIA HOSPITALAR E SUAS INTERFACES COM O CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO

Essa seção aborda o conceito de Pedagogia Hospitalar e sua importância dentro da área da Pedagogia. Versa sobre a necessidade de haver mais discussões sobre a temática na graduação e sobre a indispensabilidade da formação adequada para trabalhar nesse setor. Para embasar a discussão sobre o conceito trazido, foi realizada uma curadoria de materiais (in)formativos e disponibilizados em um quadro para auxiliar a atuação do profissional que atua ou atuará no âmbito hospitalar.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, na sequência deste item, será abordado o processo de alfabetização de crianças com câncer hospitalizadas. Com foco no desenvolvimento da criança, busca-se compreender como esse processo é realizado, quais recursos são utilizados e quais cuidados específicos são necessários, também a partir de uma análise de materiais de cunho (in)formativo. Além disso, destaca-se a importância da elaboração e disseminação de produções sobre o tema, a fim de contribuir para o aprimoramento da prática pedagógica.

2.1 Orientações para atuação da pedagoga no contexto hospitalar

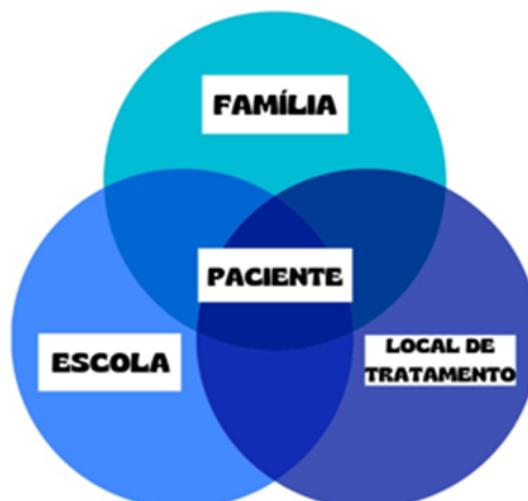
Ao pensar sobre o trabalho da pedagoga nos hospitais, é importante frisar a importância do conceito de Pedagogia Hospitalar, trazido e ressaltado nesta pesquisa devido o foco de a mesma ser a criança com câncer, que está impossibilitada de frequentar instituições educacionais. Por esse motivo, entende-se que essa pedagogia busca garantir e assegurar o acesso à educação para aqueles que estão em tratamento médico. Os professores devem oferecer, através de adaptações dos materiais, da ludicidade e da prática pedagógica, um ambiente confortável e favorável que considere todas as condições de saúde dos educandos, visando fomentar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Essa mediação é imprescindível para moderar os efeitos psicológicos negativos que o distanciamento do âmbito escolar provoca no estudante com câncer.

A Pedagogia é uma ciência que nos faz compreender os alunos para além do caráter simplesmente pedagógico. O pedagogo, ao trabalhar com crianças hospitalizadas, deve enxergar a criança não se restringindo à sua condição médica, mas sim, compreendê-la como alguém que requer mais atenção. O acolhimento e a afetividade são fatores fundamentais neste trabalho, uma vez que o emocional e o bem-estar das crianças influenciam diretamente

no contexto do hospital. Devido a mudança de rotina, a pedagoga se torna um ponto de apoio, desenvolvendo relações de confiança com a criança e a família. Ao oportunizar esse acolhimento, o profissional não somente colabora com o desenvolvimento intelectual, como também possibilita um aprendizado humanizado. Assis (2009) compreende que o atendimento pedagógico educacional em hospitais precisa considerar o trabalho interdisciplinar entre as áreas da educação e saúde, a fim de possibilitar uma melhor qualidade de vida ao estudante, que está na condição de paciente.

Nesse sentido, a figura abaixo exemplifica essa relação, destacando a importância da cooperação de todas as partes relacionadas à criança para possibilitar o desenvolvimento dela dentro de suas devidas condições.

Figura 2. Interfaces de atuação da pedagoga hospitalar



Fonte: adaptado pela autora a partir de Matos e Mugiatti (2018).

Ao articular as diferentes áreas, a pedagoga hospitalar auxilia para reduzir os impactos que a hospitalização gera nos diversos âmbitos da vida da criança. No local de tratamento, o professor exerce sua função em colaboração com a equipe de saúde tendo como objetivo potencializar práticas pedagógicas que considerem as restrições médicas, enfatizando a importância dessa cooperação como elemento fundamental no processo educacional.

No livro “Alfabetização infantil no tratamento oncológico”, Oliveira (2020) destaca a importância do trabalho em conjunto:

Assim, família e escola devem trabalhar em parceria pois, o professor pode e deve ter acesso a este conhecimento durante sua formação docente,

favorecendo o processo de ensino e aprendizagem, sendo que este não está inserido apenas e exclusivamente à sala de aula (Oliveira, 2020, p. 51).

Posto isto, ressalta-se que a formação da pedagoga é fundamental, uma vez que é preciso conhecimentos específicos para trabalhar na área. A autora ainda acrescenta que,

Diariamente nota-se a necessidade do estudo da pedagogia hospitalar; não apenas para uma ampliação de conhecimento dentro da grade curricular; mas, essencialmente, como um aperfeiçoamento atualizado de ensino e aprendizagem de seus futuros educandos, visto que o aumento de crianças com enfermidades que impedem seu acesso à escola para dar continuidade ao seu processo de alfabetização, tem sido cada vez mais frequentes (Oliveira, 2020, p. 35).

Para trabalhar neste espaço, é preciso estar ciente das inúmeras questões que atravessam e ultrapassam o pedagógico. A pedagoga irá atuar com a criança hospitalizada e também com a sua família. É um trabalho versátil, em que é necessário que haja um resgate de um ambiente que outrora pertenceu à rotina daquela família, fazendo com que o processo em que se encontra não se restrinja unicamente ao tratamento terapêutico.

É mister destacar a ausência dos debates sobre a temática nos cursos de Licenciatura em Pedagogia. Essa falha no currículo desencadeia um despreparo dos formandos para atuarem nos contextos hospitalares (Melo; Lima, 2015, p. 150). Todavia, algumas universidades visam complementar essa demanda, ofertando a temática em disciplinas optativas em seus currículos, como por exemplo, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que oferecem, respectivamente, as disciplinas “Pedagogia Hospitalar: Atuação do Educador no Atendimento Pedagógico” e “Tópicos Especiais em Fundamentos Teórico-Práticos: O Pedagogo no Espaço Hospitalar”. Destaca-se, também, que a inclusão dessas disciplinas é fundamental para atender as demandas e para formar pedagogos qualificados para exercer tal função.

Além disso, existem especializações em nível de Pós-graduação *Lato Sensu* em Pedagogia Hospitalar, indicadas para aqueles que concluíram o curso de Pedagogia e possuem interesse em trabalhar na área. A especialização oferece uma formação mais aprofundada acerca das demandas e das práticas multidisciplinares que ocorrem no ambiente hospitalar, além de possibilitar a pedagoga trabalhar de maneira ambientada com as equipes de saúde, cooperando em prol do bem-estar da criança.

A Pedagogia Hospitalar, além de assegurar o direito à educação, também atua como um instrumento de apoio à recuperação da saúde da criança, viabilizando o seu pleno

desenvolvimento em uma condição desafiadora. Em relação ao papel da educação no hospital:

O papel da educação no hospital e, com ela, o do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida. A escuta pedagógica surge, assim, como uma metodologia educativa própria do que chamamos pedagogia hospitalar. Seu objetivo é acolher a ansiedade e as dúvidas da criança hospitalizada, criar situações coletivas de reflexão sobre elas, construindo novos conhecimentos que contribuam para uma nova compreensão de sua existência, possibilitando a melhora de seu quadro clínico (Fontes, 2005 *apud* Matos, 2012, p. 135).

Feitos esses esclarecimentos, esta seção traz, a seguir, uma curadoria com materiais (in)formativos de diferentes gêneros e fontes, direcionados aos professores, com o objetivo de divulgar a temática “Pedagogia hospitalar” e servir de textos norteadores para aqueles que trabalham (ou desejam trabalhar) na área. Os critérios para a elaboração deste levantamento foram definidos com base na relevância, atualidade e pertinência dos materiais em relação ao objeto de estudo. A seleção considerou fontes que apresentassem aprofundamento teórico, abordagem crítica e consonância com os objetivos da pesquisa. Embora existam outras pesquisas, vídeos e materiais disponíveis, a escolha se pautou na qualidade acadêmica, na confiabilidade das informações e na contribuição efetiva para a análise proposta, assegurando um embasamento consistente para as discussões realizadas.

Quadro 1. Materiais (in)formativos sobre Pedagogia Hospitalar

Gênero	Título	Autoria	Link de acesso
Vídeo - Youtube	Pedagogia Hospitalar Como é a profissão?	Bambolê Pedagógico	https://www.youtube.com/watch?v=kffk6ZnxkoY
Vídeo - Youtube	Desafio profissão - pedagogia hospitalar	TVPUC	https://www.youtube.com/watch?v=FGzHfNTjj5w
Vídeo - Youtube	TV UVA – Pedagogia Hospitalar	UVA – Universidade Veiga de Almeida	https://www.youtube.com/watch?v=qSrFpsthb4
Videocast	Encontro Rede Pedagogia Hospitalar – Dia do Pedagogo Hospitalar - Manhã	Coordenadoria de Controle de Doenças	https://www.youtube.com/watch?v=b9OLQwV9rJU&t=122s

Blog	Pedagogia Hospitalar: o que é e como surgiu?	Jonas Nascimento	https://blog.ampli.com.br/area-de-atuacao/pedagogia-hospitalar-o-que-e/
Podcast	Pedagogia hospitalar – processos de humanização e inclusão	UFMS Digital	https://open.spotify.com/episode/2e7lbODYLpuihVGToXfie1?si=69794e2c86904588
Artigo	Pedagogia Hospitalar: a importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças	Cristina Cavallari Ferreira Lima e Silvana de Oliveira Araujo Paleologo	https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf
Artigo	Pedagogia Hospitalar: a importância do pedagogo como auxiliador do aprendizado de crianças e adolescentes hospitalizados	Jaqueline Guedes Russo e Sabrina Peviani Messa	https://revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/72/145
Artigo	Pedagogia Hospitalar: práticas educativas em um hospital de Belo Horizonte-MG	Angélica Marquione de Castro, Isaura Cristina Bernardo Mendes e Gilson Soares Toledo	https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/tainacan-items/282/275005/ANGELICA-MARQUIONE-DE-CASTRO-PEDAGOGIA-HOSPITALAR-PRATICAS-EDUCATIVAS-EM-HOSPITAL-PEDAGOGIA-2014.pdf

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Os materiais trazidos foram cuidadosamente escolhidos, pensando naqueles que pretendem trabalhar na área da Pedagogia Hospitalar. No Blog “Pedagogia Hospitalar: o que é e como surgiu?”, de Jonas Nascimento, o autor aborda as temáticas de educação no pós-guerra, o conceito de Pedagogia Hospitalar, a importância da Pedagogia Hospitalar e como se tornar uma Pedagogia Hospitalar. Esse conteúdo serve de apoio inicial para aqueles que pretendem conhecer um pouco do histórico do tema e alguns conceitos basilares.

É importante destacar que, entre os materiais, há relatos de experiência de profissionais da área, o que torna as informações mais acessíveis e compreensíveis. Por exemplo, no vídeo intitulado “Desafio Profissão - Pedagogia Hospitalar”, da TVPUC, a partir do minuto 2:43, a orientadora educacional Gessica Torres Rozante compartilha o relato de

uma professora que acompanhou uma criança até a sala de cirurgia porque ela não queria interromper a aula. No outro vídeo, “TV UVA – Pedagogia Hospitalar”, da UVA – Universidade Veiga de Almeida, é possível observar a rotina e a dinâmica das aulas hospitalares em um hospital no Rio de Janeiro. Esses relatos destacam a importância do cuidado e da mediação adequada na rotina das crianças, reforçando que o trabalho vai além das fronteiras pedagógicas.

Vale destacar que cada hospital possui uma rotina específica, desenvolvida para atender às demandas particulares de seu ambiente. O profissional poderá realizar os atendimentos no leito (especificamente quando os pacientes não podem se deslocar até outro ambiente educativo) ou em classes hospitalares. Um dos objetivos é criar um espaço que reduza as influências da hospitalização no processo educacional das crianças, possibilitando que a aprendizagem se mantenha (Unicep, 2023). Há várias formas de atuação no ambiente hospitalar, mas é essencial enfatizar que esse trabalho tem como propósito oferecer suporte às necessidades pedagógicas, à compreensão do indivíduo em seu contexto e às demandas que possam surgir durante sua internação e no período pós-alta.

Considerando novamente o estado de Minas Gerais como foco dessa pesquisa, o artigo “Pedagogia Hospitalar: práticas educativas em um hospital de Belo Horizonte-MG” de Angélica Marquione de Castro, Isaura Cristina Bernardo Mendes e Gilson Soares Toledo (2014), traz uma investigação significativa sobre as práticas educativas em um hospital de Belo Horizonte e enfatiza que o trabalho do pedagogo:

[..] é muito importante, pois possibilita que os pacientes continuem seu processo de aprendizagem escolar evitando a interrupção dos estudos e possivelmente o aumento da evasão. As diversas práticas educativas disponibilizadas, contribuem para a inserção e reinserção escolar e social, amenizando seu sofrimento quanto à hospitalização e elevando sua autoestima (Castro; Mendes; Toledo, 2014, p. 16).

A partir dos dados apresentados, percebe-se a importância desse campo de atuação educacional. Os materiais (in)formativos trazidos abordam a necessidade de satisfazer as urgências pedagógicas das crianças e uma adequação curricular que respeite as limitações físicas e psicológicas de cada estudante, possibilitando a continuidade no processo de aprendizagem.

Em todos os materiais, faz-se presente a relevância da cooperação entre os profissionais que atuam diretamente com a criança hospitalizada e a família. Essa comunicação e ajuda mútua permite que o planejamento escolar seja adequado de acordo com as especificidades de cada aluno.

Os trabalhos ainda destacam os inúmeros desafios existentes no cotidiano da Pedagogia Hospitalar, dentre eles estão: falta de recursos suficientes, formação continuada dos professores, reconhecimento profissional e institucional e apoio à prática pedagógica. Todavia, é ressaltado o progresso considerável na sensibilização de escolas, hospitais e políticas pública, reforçando a necessidade de haver mais visibilidade para que a área tenha mais reconhecimento, podendo proporcionar uma educação coerente, humanizada e transformadora.

As adversidades elencadas acima sinalizam a seriedade dessa profissão, ressaltando a necessidade de dar-se mais atenção para essa área. A alfabetização dentro do contexto hospitalar é um dos pontos mais desafiadores desse processo, pois demanda um conjunto de estratégias e técnicas adaptáveis a cada criança e amplia a exigência de uma prática humanizada e cuidadosa. Dessa forma, a próxima seção aborda sobre como acontece esse processo de alfabetização, incluindo as suas especificidades a fim de assegurar o direito à educação, à leitura e à escrita.

2.2 A alfabetização dentro do contexto hospitalar

A alfabetização pode ser entendida como o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, incluindo a aquisição de habilidades de leitura e escrita. Letramento, por sua vez, pode ser compreendido como o uso da leitura e da escrita em práticas sociais e culturais. Magda Soares afirma que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (Soares, 1998, p. 190).

Ao pensar sobre a alfabetização dentro do contexto hospitalar, é preciso entender que este percurso carece de ajustes e de muita sensibilidade por parte dos profissionais, levando em consideração todos os aspectos que compõem a rotina da criança hospitalizada. A função do professor, logo, é certificar que a criança passe pelo processo de alfabetização de maneira respeitosa. Para isso, é preciso que o educador procure estratégias que proporcionem uma adesão às práticas e estimule os alunos de diferentes maneiras, mesmo no ambiente hospitalar.

Existem inúmeros desafios quando se trata de educar fora das escolas, e uma das maiores adversidades é a adaptação dos conteúdos. Para atender às necessidades de cada criança, é fundamental o uso de diferentes recursos que auxiliem no processo de

aprendizagem, tornando-o mais significativo, além de incentivar e estimular a autoestima e o senso de pertencimento da criança. Oliveira (2020), evidencia que:

Crianças em tratamento oncológico já encontram-se em uma situação desigual, desse modo, para que algumas delas encontrem um fator motivacional favorável para seu processo de alfabetização, é oportuno que o professor viabilize um espaço mais agradável para que; o lúdico, as mídias, o brincar, a musicalidade, entre outros, sejam vistos como práticas facilitadoras de ensino para cada uma delas (Oliveira, 2020, p. 37).

Dentre os diferentes recursos utilizados nesse processo, pode-se citar, por exemplo, o uso dos livros literários como estratégia fundamental no processo de alfabetização de crianças enfermas. A literatura infantil proporciona a expressão dos sentimentos e emoções dessas crianças e colabora para a superação das dificuldades, uma vez que encoraja as crianças a lidarem com as adversidades que a internação causa. Teberosky e Colomer (2003, p. 85) destacam que “para entrar no mundo da escrita é importante que as crianças interajam com uma grande diversidade de textos, já que são capazes de produzir e reproduzir textos narrativos, descritivos, de ficção, cartazes e textos de jornais etc.”. Além disso, contribui na formação do sujeito de forma ativa na sociedade e estimula a confiança e imaginação, a partir de um contexto de letramento.

Destaca-se também que usar linguagens como música, teatro, entre outras, traz benefício no processo de alfabetização de crianças hospitalizadas. A música, por exemplo, é um excelente mecanismo de colaboração quando se trata de educação fora do ambiente das escolas. Torna-se uma atividade lúdica e pedagógica que contribui para o desenvolvimento da criança, especialmente da criança com câncer. Sekeff firma que:

música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão (Sekeff, 2002, p. 120).

O teatro também é uma atividade de grande ajuda para o processo educacional da criança. Guedes (2022) afirma que o trabalho com o teatro nos anos iniciais do ensino fundamental está diretamente relacionado ao desenvolvimento de consciência emocional, social e física, além de propiciar a inserção de diversas habilidades corporais.

Em relação aos desafios, percebe-se que um dos principais obstáculos presentes na área é a ausência de materiais de diferentes gêneros que versem sobre a temática. Grande parte dos debates está focado em artigos acadêmicos e que, por muitas vezes, não são

acessíveis para todos. Essa escassez de fontes transforma o processo de aquisição de dados ainda mais complexo, uma vez que informações privadas limitam o acesso ao conhecimento.

Diante desses fatos, apresenta-se uma curadoria de materiais (in)formativos que auxiliem os profissionais que estão inseridos no processo de alfabetização no contexto hospitalar.

Quadro 2. Materiais (in)formativos sobre o processo de alfabetização de crianças com câncer hospitalizadas

Gênero	Título	Autoria	Link de acesso
Artigo	Pedagogia Hospitalar: uma contribuição saudável no processo de alfabetização de crianças hospitalizadas	Lindiane de Santana, Franci Sousa Rabelo, Joelma Reis Correia	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8640620
Artigo	Acompanhamento Pedagógico Hospitalar Às Crianças Com Câncer Em Processo De Alfabetização	Emanuelle da Silva Ferreira, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa	https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2579
Artigo	Pedagogia hospitalar: o planejamento escolar no processo de alfabetização das crianças com câncer	Emanuelle da Silva Ferreira, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa	https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CB_A/viconbalf/paper/viewFile/2691/1868
Reportagem	Pedagogia hospitalar: o que diz a lei sobre a alfabetização em hospitais	Playmove	https://playmove.com.br/pedagogia-hospitalar-o-que-diz-a-lei-sobre-a-alfabetizacao-em-hospitais/
Artigo	A pedagogia hospitalar nos processos de alfabetização e letramento: um estudo sobre as contribuições para o desenvolvimento social das crianças hospitalizadas	Mayara Gabriele da Silva	https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/52742/1/TCC%20MAYARA%20GABRIELE%20DA%20SILVA%20%282%29.pdf
Dissertação	Alfabetização em uma instituição hospitalar: um estudo de caso sobre o processo da alfabetização de crianças hospitalizadas em São Luís – MA	Raylanne Santos Barbosa	https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30957

Livro	Alfabetização infantil no tratamento oncológico: um Olhar sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização de Crianças em Tratamento Oncológico	Carla Carolina dos Santos Ribeiro de Oliveira	https://www.amazon.com.br/Alfabetização-Infantil-Tratamento-Oncológico-Formação/dp/6586381428
-------	--	---	---

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Na reportagem de 2017, intitulada “Pedagogia hospitalar: o que diz a lei sobre a alfabetização em hospitais”, do site Playmove, é destacado a necessidade de algumas estratégias para auxiliar na alfabetização nos hospitais. Entre elas, estão: a criação de um ambiente descontraído, com mobília e objetos coloridos, a preparação de aulas dinâmicas e a busca por tentativas de levar novidades que possam prender a atenção do estudante. A reportagem ainda ressalta a importância de se atentar ao processo terapêutico de cada aluno para só depois colocar em prática as atividades. Essas informações estão de acordo com o artigo “Pedagogia Hospitalar: uma contribuição saudável no processo de alfabetização de crianças hospitalizadas”, no qual as autoras destacam que, entre os materiais mais utilizados para trabalhar a alfabetização, tanto em classes hospitalares quanto nos leitos, estão os textos, o alfabeto móvel e os jogos (Santana; Rabelo; Correia, 2013, p. 90).

A dissertação “Alfabetização em uma instituição hospitalar: um estudo de caso sobre o processo da alfabetização de crianças hospitalizadas em São Luís – MA”, de Raylanne Santos Barbosa, é uma pesquisa de mestrado que versa sobre o processo de alfabetização de crianças de 5 a 8 anos internadas no Hospital Aldenora Bello, São Luís – MA. A investigação traz relatos sobre o processo de alfabetização dentro do contexto hospitalar. Entre os relatos, destaca-se o debate sobre a necessidade de haver um local específico para o trabalho na área da alfabetização nos hospitais, que pode ser em uma brinquedoteca ou outros espaços adaptados (Barbosa, 2019).

Os materiais também abordam a necessidade de um bom planejamento como ponto de suma importância durante o processo de alfabetização. Santana, Rabelo e Correia (2013) destacam que as atividades pedagógicas desenvolvidas no ambiente hospitalar proporcionam a evolução das crianças que se encontram em processo de alfabetização, além de auxiliar no retorno do aluno à sua rotina após a hospitalização.

Ferreira e Pessoa em seus textos intitulados “Acompanhamento Pedagógico Hospitalar às crianças com câncer em processo de alfabetização” (Ferreira; Pessoa, 2023a) e “Pedagogia hospitalar: o planejamento escolar no processo de alfabetização das crianças com

câncer” (Ferreira; Pessoa, 2023b) tratam sobre a necessidade de um ambiente de letramento durante o processo de alfabetização, especialmente de crianças hospitalizadas. A criação de um espaço afável e receptivo, que auxilie o desenvolvimento do paciente, em todas as áreas, é essencial para assegurar a continuidade no processo de aprendizagem e o vínculo com a escola. Acerca disso, as autoras afirmam:

As professoras partem dos conhecimentos prévios das crianças para incorporar nas atividades situações cotidianas, de modo que elas possam compreender e exercer a função social da leitura e da escrita [...] evidenciando a importância às práticas de letramento no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética (Ferreira; Pessoa, 2023a, p. 9).

Esse acompanhamento escolar precisa ser planejado em conjunto com os outros profissionais que acompanham aquela criança. Ferreira e Pessoa (2023a, 2023b) salientam que é necessário um diálogo ativo entre os profissionais para definir as ações didáticas mais adequadas e, sobretudo, para compartilharem os desejos, as dificuldades e os progressos das crianças. Especificamente durante o processo de alfabetização, essa abordagem carece de uma sensibilidade em todos os aspectos do processo, visando preservar o aprendizado e a socialização, concedendo meios necessários para a continuidade da recuperação.

A prática de letramento é extremamente importante no processo de aquisição de conhecimento das crianças, pois transforma-se em estímulos e desperta o desejo de voltar para suas rotinas escolares, fora do ambiente hospitalar. Essas experiências de ensino e aprendizagem dentro dos hospitais, viabilizam a autoestima das crianças e as mantêm engajadas, focalizando seus pensamentos em coisas positivas (Santana; Rabelo; Corrêa, 2013). Ferreira e Pessoa (2023a), ao acompanharem o processo de alfabetização em um setor de oncologia de um hospital público do Recife, destacaram que “as professoras partem dos conhecimentos prévios das crianças para incorporar nas atividades situações cotidianas, de modo que elas possam compreender e exercer a função social da leitura e da escrita” (Ferreira; Pessoa, 2023a, p. 9).

Como evidenciado por Silva (2023, p. 19), os processos de alfabetização e letramento auxiliam diretamente na recuperação na mesma proporção que colaboram no desenvolvimento social, fazendo com que a criança se aproxime do mundo fora do ambiente hospitalar. A autora chama atenção para a necessidade de uma lei nacional que assegure a participação de pedagogos nos espaços hospitalares em todos os estados e municípios do país.

Além disso, o acesso à educação em hospitais não se restringe a dar continuidade à escolarização propriamente dita, mas também por ser incumbida de constituir novas possibilidades de esperança, de vida e de cura (Ferreira; Pessoa, 2023a, 2023b).

Em relação ao ambiente hospitalar, é imprescindível falar do cuidado com todos os objetos e materiais que ambientam o espaço de alfabetização. É recomendável que haja uma garantia de que as ferramentas pedagógicas satisfaçam o propósito educacional e respeitem os protocolos de segurança e higiene do hospital. Os instrumentos pedagógicos que são manuseados no hospital exigem esterilização frequente, especialmente os que têm contato com as crianças. Esse processo é cuidadoso e busca a prevenção de propagação de infecções, levando em conta o frágil estado de saúde dos pacientes. A equipe pedagógica deve assegurar que essas ferramentas estejam devidamente adaptadas para serem utilizadas de forma segura, visando a saúde e segurança das crianças.

Ademais, é preciso destacar que, mesmo com os obstáculos que crianças com câncer são submetidas, elas continuam sendo crianças e devem ter seu direito à infância preservado. São grandes as chances de que o tempo e o ritmo de aprendizagem sejam alterados devido às condições de hospitalização, mas o processo educacional deve ser mantido. A classe hospitalar tem de ser um ambiente que dê continuidade com a promoção do desenvolvimento do paciente, por isso, a função da pedagoga é possibilitar meios para que esses alunos sejam sujeitos ativos.

Portanto, entende-se que o processo de alfabetização dentro do contexto hospitalar desempenha um papel fundamental na humanização do conhecimento, assegurando que crianças que estão em tratamento oncológico não sejam restringidas do direito à educação. Esse processo ultrapassa o ensino da leitura e escrita, proporcionando a inclusão, estimulando a autoestima e dando continuidade no aprendizado, mesmo diante das dificuldades apresentadas devido à hospitalização. Ao incorporar práticas pedagógicas moldadas às necessidades de cada criança, a alfabetização no ambiente hospitalar auxilia para a criação de ambientes mais acolhedores e estimulantes, reafirmando a educação como um direito fundamental e que deve servir de instrumento de esperança para aqueles que enfrentam o dia a dia da hospitalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito compreender o processo de alfabetização de crianças com câncer durante o período de internação hospitalar, a fim de entender como ocorre o trabalho dos pedagogos em contextos não formais de educação. Para embasar o estudo, realizou-se uma seleção de materiais, buscando subsídios teóricos e legais para a compreensão da temática investigada. Em seguida, foi apresentada uma curadoria de materiais (in)formativos, por meio de pesquisas na internet, e selecionados aqueles que, após análise, poderiam auxiliar no trabalho de profissionais da área ou interessados no tema. Os dados coletados foram organizados em quadros, contendo o gênero, título, autoria e link de acesso.

Ao decorrer do estudo, constatou-se que o processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com câncer deve ser ainda mais cauteloso, pois carece de estratégias pedagógicas adequadas, metodologias inovadoras e do auxílio da legislação vigente para assegurar a continuidade no aprendizado. A estadia prolongada nos hospitais impacta, diretamente, o desenvolvimento educacional, social e emocional do paciente, transformando a atuação da pedagoga ainda mais essencial.

A pesquisa destacou que há uma carência significativa de materiais que abordem sobre a educação em espaços fora dos tradicionais e sobre a alfabetização dentro no contexto hospitalar, bem como uma necessidade instantânea da ampliação das discussões sobre a Pedagogia Hospitalar nos cursos de formação inicial de professores. Os quadros com levantamentos e a organização de materiais (in)formativos demonstram essa escassez de produções acadêmicas e didáticas voltadas para o tema, evidenciando a alta demanda de maior incentivo à pesquisa e à divulgação de experiências na área.

Apesar do atendimento educacional ser um direito, ainda há falhas na garantia e no suporte à educação de todas as crianças, principalmente no que diz respeito às crianças internadas devido tratamento oncológico. Os profissionais que atuam nas classes hospitalares enfrentam os desafios da incerteza que a doença ocasiona na vida dos alunos e, por conta disso, reforça-se a importância do cuidado com as práticas pedagógicas, possibilitando que cada criança possua condições de manter seu processo educacional de forma respeitosa.

Além disso, é essencial ressaltar que a atuação da pedagoga hospitalar não se limita à transmissão de conhecimentos, mas também envolve acolhimento e suporte emocional. O convívio entre professores, famílias, profissionais da saúde e a escola deve ser contínuo,

buscando a criação de um ambiente que enriqueça a aprendizagem e a saúde mental do estudante. Dessa forma, o trabalho de uma equipe multiprofissional é fundamental para oportunizar uma abordagem integral.

O uso de diferentes tipos de atividades, tanto artísticas quanto culturais também auxiliam na redução dos impactos da hospitalização. Destacou-se que o teatro, a música e a literatura são recursos de grande potência para ajudar o trabalho do professor, fazendo com que os alunos adquiram conhecimento dentro de um ambiente de letramento.

Com base nessas observações, destaca-se a necessidade de políticas públicas que valorizem e fortaleçam a educação nos hospitais, assim como o trabalho dos pedagogos hospitalares, para garantir boas condições de aprendizado para os alunos em tratamento. Também se ressalta a importância de que, na formação inicial de professores, esse tema seja abordado nas discussões das disciplinas, com o objetivo de proporcionar um preparo mais adequado para o exercício da profissão de pedagoga nesses contextos. Além disso, é fundamental incentivar e ampliar as pesquisas sobre a temática, estimulando a produção de trabalhos acadêmicos e materiais que ajudem a divulgar mais informações sobre a área.

Por fim, a expectativa é que este estudo colabore para amplificar o entendimento acerca da importância da área da Pedagogia Hospitalar e para impulsionar novas descobertas e iniciativas direcionadas ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das práticas alfabetizadoras nos hospitais. Somente por meio da valorização da área e da implementação efetiva de medidas legais é que as crianças em estado de enfermidade poderão ter acesso a uma educação de qualidade, que respeite suas particularidades e contribua para o desenvolvimento integral do ser social.

Dessa forma, a expectativa é que este presente trabalho sirva como um incentivo e estímulo para reflexões, análises e a criação de ações concretas que assegurem o direito à educação, independentemente das dificuldades que são encontradas pelas crianças em tratamento oncológico.

REFERÊNCIAS

ABRALE - Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia. Disponível em: <<https://abrle.org.br/>>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ASSIS, Walkiria de. **Atendimento pedagógico-educacional em hospitais: da exclusão à inclusão social/escolar**. 2009. 123 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BAMBOLÊ PEDAGÓGICO. **Pedagogia Hospitalar: como é a profissão?**. YouTube, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kffk6ZnxkoY>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BARBOSA, Raylaine Santos. **Alfabetização em uma instituição hospitalar: um estudo de caso sobre o processo de alfabetização de crianças hospitalizadas em São Luís – MA**. 2020. 117 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 2 set. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/1996**. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/legislacao/lista.jsp?livre=lei%204939&b=leis>. Acesso em: 18 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Brasília: Planalto, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113716.htm. Acesso em: 12 de fevereiro de 2025.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Características e aplicações de radioisótopos**. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/tecnologia/tecnologias_estrategicas/area_nuclear/radioisotopos/Caracteristicas_e_aplicacoes_de_radioisotopos.html#:~:text=Radioisótopos%20são%20elementos%20químicos%20cuja,ocorre%20a%20emissão%20de%20radiação. Acesso em: 13 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC; SEESP, 2002. 35 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. 2001. 79 p. Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/publicacoes-secretarias/semesp/diretrizes-nacionais-para-a-educacao-especial-na-educacao-basica>. Acesso em: 07 nov. 2024.

CARDOSO, Flávia Tanes. Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 25-52, jun. 2007.

CASTRO, Angélica Marquione de; MENDES, Isaura Cristina Bernardo; TOLEDO, Gilson Soares. Pedagogia Hospitalar: práticas educativas em um hospital de Belo Horizonte-MG. **Revista UNIPAC**, 2014. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/tainacan-items/282/275005/ANGELICA-MARQUIONE-DE-CASTRO-PEDAGOGIA-HOSPITALAR-PRATICAS-EDUCATIVAS-E-M-HOSPITAL-PEDAGOGIA-2014.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2025.

COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS. **Encontro Rede Pedagogia Hospitalar – Dia do Pedagogo Hospitalar - Manhã**. YouTube, 27 maio 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b9OLQwV9rJU&t=122s>. Acesso em: 12 jan. 2025.

DÁVILA, Luis Fernando Carvajal. **El duelo del paciente infantil con cáncer**. 2006. Disponível em: http://www.psicooncologia.org/articulos/articulos_detalle.cfm?estado=ver&id=83&x=91&y=7. Acesso em: 05 fev. 2024.

Dia Internacional do Câncer na Infância. Secretaria de Estado da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/prorrogaçao-de-vigencia-convenios-2017/story/16368-dia-internacional-do-cancer-na-infancia>. Acesso em: 05 fev. 2024.

FERREIRA, Emanuelle da Silva; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. Acompanhamento pedagógico hospitalar às crianças com câncer em processo de alfabetização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, p. 1-12, 2023a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2579>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERREIRA, Emanuelle; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. Pedagogia hospitalar: o planejamento escolar no processo de alfabetização das crianças com câncer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO, 6., 2023b. **Anais do VI Congresso Brasileiro de Alfabetização**. Disponível em: https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/viconbalf/paper/viewFile/2691/1868. Acesso em: 10 jan. 2025.

FONTANA, Maria Iolanda; BARBOSA, Fabiana Neve. Política de atendimento pedagógico domiciliar à criança e ao adolescente: alfabetização, letramento e direitos humanos. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009. **Anais do 17º COLE**. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem03/COLE_2061.pdf. Acesso em: 15 dez. 2024.

FONTES, Rejane de Souza; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotski. **Cadernos Cedes**, v. 27, 2007, p. 279-303. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622007000300003>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FREITAS, Nájila Bianca Campos *et al.* As percepções das crianças e adolescentes com câncer sobre a reinserção escolar. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 33, n. 101, 2016, p. 175-183. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2024.

GUEDES, Adenildo Pereira. As contribuições do teatro para educação no contexto do ensino fundamental. **Revista Científica Multidisciplinar**, Ano 07, Ed. 06, Vol. 08, 2022, p. 199-210. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/teatro-para-educacao>. Acesso em: 06 fev. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **Câncer: Brasil - estimativa dos casos novos. Câncer infantojuvenil**. 2022. INCA. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros/estimativa/estado-capital/brasil>. Acesso em: 12 jan. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **Câncer Infantojuvenil**. 2023. INCA. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/infantojuvenil>. Acesso em: 12 jan. 2024.

LEMOS, Fernando de Aguiar *et al.* Análise de fatores físicos, motores e psicossociais em crianças com câncer. **Revista AMRIGS**, Porto Alegre, v. 57, n. 2, p. 95-100, abr./jun. 2013.

LIMA, Cristina; Cavallari Ferreira; PALEOLOGO, Silvana de Oliveira Arauno. Pedagogia hospitalar: a importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças. **e-Faceq: Revista Eletrônica dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, v. 1, n. 1, jun. 2012. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

LOPES, Luiz Fernando; BIANCHI, Alóis. Os efeitos tardios do tratamento do câncer infantil. In: LOPES, Luiz Fernando; CAMARGO, Beatriz de (Orgs.). **Pediatria oncológica**. São Paulo: Lemar, 2000, p. 281–291.

MAGALHÃES, Denise Maria de Araújo; MAGALHÃES, Guilherme Araújo; GRIGOROVSKI, Nathalia; FIGUEIREDO JUNIOR, Israel. Dinâmica da Implantação de Humanização no Serviço de Radioterapia Pediátrica do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Brasil. **Rev. Bras. Cancerol.**, v. 68, n. 2, 2022. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1662>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Pedagogia hospitalar: uma possibilidade a mais**. **Revista facinter.com**, n. 32, 2005.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MELO, Damaris Caroline Quevedo de; LIMA, Vanda Moreira Machado. Professor na pedagogia hospitalar: atuação e desafios. **Colloquium Humanarum**, v. 12, n. 2, p. 144-152, 2015.

NASCIMENTO, Jonas. Pedagogia hospitalar: o que é e como surgiu? **Blog da Ampli**, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://blog.ampli.com.br/area-de-atuacao/pedagogia-hospitalar-o-que-e/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

OLIVEIRA, Carla Carolina dos Santos Ribeiro de. **Alfabetização infantil no tratamento oncológico**. Organizador: Guarany D'Ávila Fagundes. Florianópolis: Habitus, 2020.

ONCO ENSINO. **Fisioterapia em Oncologia Pediátrica: Aula 1: Introdução**. 2022. 10min18s. YouTube, 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OPwm6h9rE2g>. Acesso em: 02 fev. 2024.

ONCO ENSINO. **Psico-Oncologia Pediátrica: Aula 1: Impacto psicológico do câncer na criança e no adolescente Pt 1**. 2022. 16min16s. YouTube, 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZncXCTRcco8>. Acesso em: 02 fev. 2024.

PLAYMOVE. **Pedagogia hospitalar: o que diz a lei sobre a alfabetização em hospitais**. Playmove, 23 fev. 2017. Disponível em: <https://playmove.com.br/pedagogia-hospitalar-o-que-diz-a-lei-sobre-a-alfabetizacao-em-hospitais/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

RODRIGUEZ, Erin *et al.* Cancer-related sources of stress for children with cancer and their parents. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 37, n. 2, 2012, p. 185–197.

ROLIM, Carmem Lúcia Artioli; GÓES, Maria Cecília Rafael de. Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 35, n. 3, p. 509–523, set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/VrvZ59bkXrKTcFPPPWp4ZnQ/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2024.

RUSSO, Jaqueline Guedes; MESSA, Sabrina Peviani. Pedagogia hospitalar: a importância do pedagogo como auxiliador do aprendizado de crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista Saberes Docentes**, v. 2, n. 4, 2017. Disponível em: <https://revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/view/72>. Acesso em: 14 dez. 2024.

SANTANA, Lindiane de; RABELO, Francly Sousa; CORREIA, Joelma Reis. Pedagogia hospitalar: uma contribuição saudável no processo de alfabetização de crianças hospitalizadas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 6, n. 10, p. 83-93, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8640620>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

SILVA, Mayara Gabriele da. **A pedagogia hospitalar nos processos de alfabetização e letramento: um estudo sobre as contribuições para o desenvolvimento social das crianças hospitalizadas**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/52742/1/TCC%20MAYARA%20GABRIELE%20DA%20SILVA%20%282%29.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOMMERFELD, Caroline Evelyn. **Desempenho motor e qualidade de vida de crianças com leucemia em tratamento quimioterapêutico**. 2007. 137 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **A aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TVPUC. **Desafio profissão - Pedagogia Hospitalar**. 2019. 27min59s. YouTube, 15 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FGzHfNTjj5w>. Acesso em: 21 nov. 2024.

TV UVA - **Pedagogia Hospitalar**. 2013. 6min20s. YouTube, 31 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qSrFpsthb4>. Acesso em: 21 nov. 2024.

UFMS DIGITAL. **Pedagogia hospitalar: processo de humanização e inclusão**. [Podcast]. Disponível em:

<https://podcasts.apple.com/us/podcast/pedagogia-hospitalar-processo-de-humanização-e-inclusão/id1677697043?i=1000655808973>. Acesso em: 14 dez. 2024.